

AMOR, BRILHO E RUA: DIMENSÕES SOCIAIS QUE ENVOLVEM A PROSTITUIÇÃO

RENAN ANTÔNIO DA SILVA¹

SILVA, Hélio R. S. **Travestis: entre o espelho e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007, 213 p.

De fácil leitura, mas sem perder em densidade, reúne revistos de dois livros notáveis de Hélio R. Silva, publicados há mais de dez anos – *Travesti, a invenção do feminino e Certas Carioca*.

A divisão capitular do livro compreende por partes de seu trabalho acadêmico (tese). Através desses escritos, essa investigação inédita das dimensões sociais que envolvem a prostituição de travestis no Rio de Janeiro e é operacionalizada por meio de categorias analíticas e tem como objetivo levar algumas hipóteses ao estatuto da verossimilhança. Dentre essas categorias, destacam-se: as estruturas demográficas e sociais, por meio da história serial; as normalidades, pensando também a normatização, e desvios sexuais, através das relações de gênero; e os valores culturais e simbólicos, atuando ao nível da mentalidade coletiva. Dessa forma, o ineditismo que essa obra trouxe, sob o ponto de vista metodológico, é a compreensão da história da sexualidade das travestis sob um viés oposto ao que muitos historiadores faziam, ou seja, não mais contemplando exclusivamente os campos da ideologia e da moral; e a liga que deu forma às inferências é a história demográfica, articulada com os registros sobre os comportamentos sociais – fica evidente que ele intencionou escrever uma história dos costumes.

Nesse sentido, e já partindo para a análise de conteúdo, o autor esclarece a necessidade de se relativizar o conceito de prostituição, seja como um “crime social”,

¹ É doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UNESP - Araraquara. Pesquisador Associado do Laboratório de Estudos em Políticas Públicas (LEPP), vinculado ao Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais - IPPRI - UNESP - São Paulo. Pesquisador do Grupo de Estudos "Tecnologias e Processos de Subjetivação". Pesquisador do Grupo Interdisciplinar em Educação e Saúde (UNESP). Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Educação para as relações étnico-raciais e Ações Afirmativas (UFU). Editor-Chefe da Revista Hominum. Tem experiência nas áreas de Sociologia, Antropologia e Políticas Públicas, atuando principalmente nas seguintes temáticas: educação, homossexualidade, homofobia, saúde, gênero e inclusão.

ou como um “paradigma da condição feminina”; ele contraria essas condições socialmente impostas às prostitutas, utilizando como base analítica a historicidade. Devemos relativizar, pois, em diversas sociedades ocidentais e ocidentalizadas, as relações de poder – por meio das relações de gênero – podem ser tão opressivas, que chegam a apresentar similitudes ao modo com que, de forma geral, as prostitutas historicamente são tratadas. Uma dimensão disso é a violência simbólica que, ainda, pode coexistir com a violência sexual. Dessa maneira, por meio da investigação de diferentes níveis da prostituição na cidade do Rio de Janeiro, o autor dimensionou-os em três: *zonas* (bordéis), espaços construídos com dinheiro público e arrendados a uma cafetina (agenciadora) ou a um administrador que, geralmente, obtém o monopólio da profissão, recrutando travestis e empunhando às regras “do ofício. É-nos mostrado, quantitativamente, como somente as fontes oficiais estabeleceram algum tipo de censo sobre a prostituição, inclusive em cidades menores. Nesse caso, atentemos à incapacidade que essas fontes têm de contemplar todas as dimensões da prostituição no período pesquisado, haja vista seu caráter de oficialidade.

O autor aponta que esse declínio da prostituição enquanto instituição social ocorreu no final do século XVI, ao passo que, além de cercear a liberdade dos hábitos masculinos “movidos pela natureza”, possibilitou a conquista de novos espaços pelas travestis, e a paulatina melhoria de sua condição social. Assim, houve todo um aparato legal no sentido de normatizar algumas práticas dentro de certos valores, como regras sanitárias, normas religiosas, morais, de vestimenta, e fiscais (*cf.* p. 167).

De qualquer sorte, esse é um notório trabalho, diga-se de fôlego, que analisou um vasto território e que demandou um longo trabalho de pesquisa. Constitui-se, dessa maneira, como uma obra fundamental para a compreensão das dimensões da prostituição das travestis no espaço carioca.

Referências:

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. Cap. 2, p. 65-109. *In:* CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

HUNT, Lynn. História, cultura e texto. Apresentação, p. 1-29. *In:* *Idem*. **A Nova História Cultural**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

Rev. Diversidade e Educação, v. 5, n. 1, p. 72-74, jan./jun. 2017.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. Tradução Eduardo Brandão. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Recebido em: 26/03/2017
Aprovado em: 21/09/2017